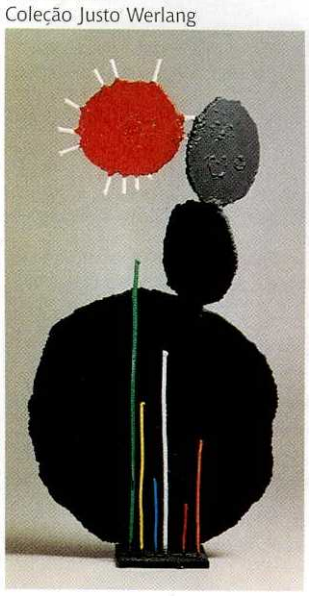
JORNAL DO MARGS

Governo do Estado do Rio Grande do Sul / Secretaria de Estado da Cultura
Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli / Ano V / Publicação mensal
Agosto 99 / Nº. 49

Francisco Stockinger
80 anos

Manipulação eletrônica a partir de obra de Francisco Stockinger

Sem título, 1993
Ferro pintado
91x46x16cm
Coleção Justo Werlang



Série Gabirus, 1996
Bronze, várias alturas entre
151x41x25cm e 95x40x39cm
Coleção particular

Fotos: Gonzalo Mezza

EDITORIAL

O mês de agosto traz ao MARGS a obra de dois grandes artistas: Horst Janssen e Xico Stockinger.
Janssen, cujo refinadíssimo trabalho infelizmente é pouco conhecido entre nós, foi um dos maiores artistas gráficos alemães e, através de uma promoção conjunta com o Instituto Goethe, teremos o prazer de apreciar uma seleção de suas melhores águas-fortes produzidas entre o final dos anos 50 e início dos 70.
Integrando-se a diversos outros eventos promovidos pelas Secretarias de Cultura do Estado e Município para marcar o 80º aniversário de Xico Stockinger, o MARGS exibe obras de várias fases do escultor, mestre consumado em seu ofício e mentor de várias gerações de artistas. Dentre os seus já afamados cavaleiros, amazonas, guerreiros, levanta-se uma impressionante série de esculturas em bronze, os Gabirus, um notável coroamento dos princípios éticos que sempre nortearam a vida e a obra de Xico. Além da evidente maestria no manejo da forma e da matéria, na captura do gesto significativo, e da desenvoltura com que expressa a linguagem silenciosa do corpo humano, Xico Stockinger, em diversas peças, nos remete ainda a um sem-número de prementes questões sociais, ou puramente humanas: dor, pobreza, fome, subdesenvolvimento... é longa a lista de torpezas que o ser humano inflinge sobre seus semelhantes. E que o observador atente naqueles braços veemente eriçados para o alto, ou naquele outro rosto, no olhar daquela mulher com uma criança (morta?) ao colo, ou apenas perceba a aspereza das carnes desses corpos, e ficará nítida a síntese de que só um grande artista como Xico é capaz: transformar esses seres anônimos, pedra rejeitada, em pedra angular.
Não poderíamos encerrar este editorial sem expressar nossos mais sinceros agradecimentos aos empresários Jorge Gerdau Johannpeter e Justo Werlang que doaram ao nosso acervo oito dos Gabirus de Stockinger, abraçando a nossa proposta de qualificação do acervo através de doações realmente significativas. Há poucos meses recebemos de Lojas Renner uma obra magnífica de Vasco Prado; hoje somos brindados com esses Gabirus. A história nos lembra que as mais importantes coleções de arte do mundo estão hoje à disposição do público, em museus, graças a alguns poucos mecenas que contribuíram decisivamente para a socialização da arte. Exemplos a serem seguidos.

Direção do MARGS

TENDÊNCIA

A arte contemporânea faz história: Projeto Galeria João Fahrion – 1989/1999

Dez anos. Este número parece encerrar algum tipo de magia, talvez por remeter à idéia de um ciclo, de alguma noção que possa ser captada em termos de começo, meio e fim. Ou ainda, por que apreciemos as operações de ordenamento, as hierarquias, as classificações. Assim, no campo das artes visuais, enquanto nos referimos às décadas de 60 e 70 como ligadas à "desmaterialização" do objeto artístico, à noção de arte experimental e de arte como processo, a década de 80 nos recorda a valorização do "jovem artista", o retorno à pintura, à significativa ação do mercado. E quanto aos anos 90? Já é possível definir em torno de quais questões desenvolveu-se o debate no campo das artes durante esta década que termina? Neste período, um aspecto que se ressalta diz respeito ao crescente papel desempenhado pelas instituições culturais – de ensino e pesquisa, museais – enquanto espaços privilegiados para determinação do grau de visibilidade conferido à produção artística contemporânea.

O "Projeto João Fahrion", que em 1999 completa uma década de atividade regular, pode ser considerado um exemplar significativo dessa tendência. A "Galeria João Fahrion" surgiu – em 1989 – como uma resposta dos administradores culturais[1] à proposta de promover a arte contemporânea no Estado, viabilizando o surgimento e o início de um processo de consolidação profissional para jovens talentos no campo das artes visuais. O projeto consistia em organizar um processo regular e público para seleção de artistas, escolhidos através de uma comissão. Os selecionados realizariam exposições ao longo do ano em uma sala denominada "Galeria João Fahrion", no térreo do MARGS, local hoje ocupado pelo Café.

Na época, a iniciativa contou com o apoio de vários artistas e, especialmente, dos jovens – os maiores interessados –, não apenas por representar uma oportunidade objetiva de exposição de suas obras em um espaço consagrado, mas também por introduzir um elemento de clareza quanto ao processo seletivo, que se daria através de inscrição pública e comissões selecionadoras constituídas por profissionais de reconhecida competência no campo artístico. Por fim, a vinculação dessa ação cultural à uma instituição museal – no caso, o MARGS, sede da Galeria Fahrion até o ano de 1995[2] – também parecia representar alguma possibilidade de permanência e seriedade, em contrapartida às investidas do mercado de artes, geralmente pleno de propostas tão atraentes quanto fugazes como fogos de artifício.

Nesse contexto a referência ao nome de João Fahrion não deve ser entendida como aleatória ou mesmo contraditória com a idéia de contemporaneidade. Fahrion nasceu em Porto Alegre em 1898, foi pintor, gravador, desenhista, tendo realizado estudos na Alemanha e Holanda, entre 1922. Foi ilustrador na Editora Livraria do Globo, participou da fundação da Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa e, principalmente, foi um dos responsáveis pela formação de algumas gerações de artistas neste Estado, atuando como professor no Instituto de Artes (UFRGS) desde 1937 até 1970, ano de sua morte.

Com este exemplo de continuidade, a Galeria João Fahrion apresentou, entre sua primeira edição e a última, concluída em 1998, a produção de mais de cem jovens artistas. Entre estes, muitos confirmaram a aposta inicial, mantendo uma produção sistemática, configurada enquanto pesquisa no âmbito da arte contemporânea. Outros, dirigiram-se para atividades na área de ensino, pesquisa e administração cultural. Poucos parecem ter abandonado em definitivo as atividades ligadas ao campo artístico. Considerando a relativa proximidade no tempo, ainda assim, este panorama aponta para a importância e, poderíamos dizer, para a eficácia dessa iniciativa cultural.

Assim, uma oportunidade para conferir parte significativa da produção realizada por artistas que sedimentaram suas trajetórias profissionais no decorrer desse período, ocorre em setembro, no Museu de Arte Contemporânea / RS (Casa de Cultura Mário Quintana, 6º andar), através da mostra "Projeto Fahrion – 10 anos". Em paralelo, ocorrerá a mostra de Apresentação dos artistas selecionados para a edição de 1999/2000, que ocupará, a partir de agora, a Galeria "Augusto Meyer". A denominação "Projeto" João Fahrion passa a enfatizar o caráter prospectivo desta ação cultural.

Ana Albani de Carvalho
Professora Depto. Artes Visuais - Instituto de Artes da UFRGS; coordenadora da Pinacoteca Barão de Sto. Ângelo - UFRGS e membro do Conselho Consultivo do MARGS

[1] Na época, José Luiz do Amaral respondia pela Coordenação de Artes Plásticas – CODEC/RS, e o Museu de Arte tinha como diretores Vasco Prado e Miriam Avruch, enquanto Carlos Appel ocupava o cargo de Secretário Executivo do CODEC.
[2] A partir de 1995, a "Galeria Fahrion" é transferida para o 3º andar da Casa de Cultura Mario Quintana, centro cultural que serve como referência para a cidade de Porto Alegre.

João Fahrion
Praça da Alfândega, 1924
Óleo sobre tela, 65x58cm
Acervo Pinacoteca do Instituto de Artes/UFRGS

EXPEDIENTE Governo do Estado do Rio Grande do Sul • Secretaria de Estado da Cultura • Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli • O Jornal do MARGS é realizado pela Assessoria de Comunicação da Secretaria de Estado da Cultura • Jornalista responsável *Cida Golin* RG 6.256/25 • Edição *Cida Golin* • Colaboradores *Fábio Coutinho, Naira Vasconcellos, Paulo Gomes, Ana Carvalho, Liana Timm, Antônio Henriques, Daliana Mirapalhete, Ricardo Frantz, Lúcia Jahn, Vera Grecco, Sélvia Correa, Marco Antônio Cunha* • Distribuição *Rubens Falcão e Seloi Teixeira* • Fotografia *Walter Fagundes e Vitor Soares* • Relações Públicas e Divulgação *Vera Regina Costa Borges* • Projeto gráfico *Ana Cláudia Gruszynski* • Editoração eletrônica *Atelier Design Gráfico* • Fotolito *Start Pre-press* • Impressão *Trindade Indústria Gráfica* • Distribuição gratuita • Tiragem *5 mil exemplares* • Cartas para *Jornal do MARGS*
Praça da Alfândega,s/nº CEP 90010-150 Porto Alegre/RS Fone: (51) 227 2311.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

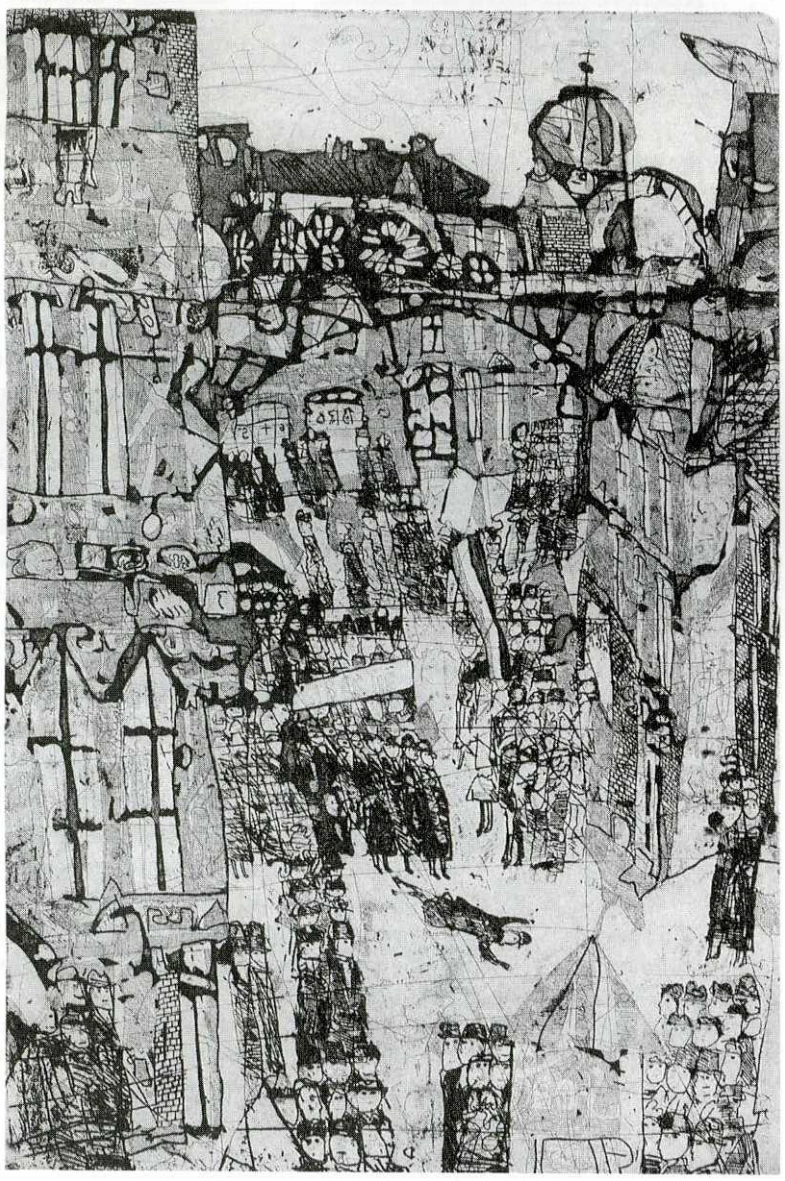
M|A|RGS
MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI

Paisagens intimistas de Horst Janssen

À ponta de faca, no seu traço fino cria formas das quais surge a suavidade de um rosto, o desespero de uma expressão, o grito, o exercício do auto-retrato como um longo percurso sobre si mesmo. A humanidade devastadora do traço de Horst Janssen (1929-1995), um dos mais produtivos artistas gráficos contemporâneos da Alemanha, reside numa força violenta e gentil que rompe a dureza do metal e da pedra, tirando dela, muitas vezes, o efeito delicado de um bico de pena na construção de paisagens intimistas.

A exposição *Águas fortes*, que o Instituto Goethe traz para o MARGS, é uma importante panorâmica do trabalho desse artista premiado, primeiro lugar na Bienal de Veneza em 1968. São 160 gravuras reunidas de acordo com critérios cronológicos e temáticos. Foram selecionadas duas fases significativas do artista, *O passeio de Hokusai* e *Carneval di Venezia*, além de trabalhos avulsos de outros períodos que permitem acompanhar a evolução de sua arte do final dos anos 50 até a década de 70.

Revolução, 1958
Água-forte em zinco
59x39,4cm



O passeio de Hokusai (1971) se inspira num surimono japonês, uma xilogravura colorida em miniatura que costuma ser presenteada com votos de felicidades. Janssen mistura monstros, paisagens, árvores e água, elemento quase sempre presente, contrastando o traço tirado à força da chapa metálica com o movimento das ondas, com a brandura de um lago. A gentileza do traço que constrói as paisagens montanhosas chinesas, árvores e rostos, com a violência da força de dragões míticos. Esse trabalho marca o encontro do artista com o impressor Hartmut Frielinghaus que, a partir do final dos anos 60, assumiu de forma quase exclusiva a impressão da obra gráfica de Horst Janssen. Há, na diversidade dessas imagens, citações ao pintor japonês Shôhakû (1738-1795), Goya, Watteau, Claude Lorrain, além da obra gráfica de Arthur Illies, Schongauer e Lucas van Leyden, entre outros.

Em "Carneval di Venezia", o tema circunda a sensualidade de corpos femininos que dançam na tela, acompanhados por silhuetas pesadas, mesmo ameaçadoras. Faz pensar em rostos encobertos por máscaras e arlequins diáfanos.

Janssen sempre foi conhecido por associar paisagens com elementos vegetais e animais e, sobretudo, com traços de seu próprio rosto. Desde cedo, sua obra tornou-se conhecida fora da Alemanha com auto-retratos dessa espécie. Nesses trabalhos, é possível ingressar na intimidade do artista, na construção ficcional de sua imagem. Uma água-forte em cobre, realizada em 25 de janeiro de 1971, intitula-se *Auto-retrato fá maior KV616*. Marca o cotidiano de Janssen, que escutava sempre o Andante em fá maior para caixinha de música, KV 616, na versão para quarteto de cordas (1791) de Mozart, enquanto desenhava e fazia suas gravuras.

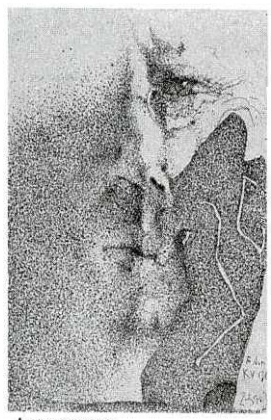
Auto-retrato , 3 de setembro de 1972
Água-forte, água-tinta
e ponta seca, em zinco
Diâmetro de 15cm

Nos auto-retratos, comprova-se o profundo conhecimento da tradição oriental pelo artista formado pela Escola Superior de Artes de Hamburgo, onde estudou com Alfred Mahlau. No *Auto-retrato como Hotei*, realizado em 14 de outubro de 1971, com água-forte e água-tinta em zinco, ele alude ao pintor japonês do século XVII, Kano Tsunenobu, e ao Hotei, o deus da felicidade segundo os chineses. Hotei aparece com um leque e um grande saco, onde estão guardados os *takaramono*, preciosos tesouros simbólicos da sabedoria de vida do budismo.

Lúcia Jahn
Jornalista

Águas fortes de Horst Janssen
De 19 de agosto a 12 de setembro
Galeria Weingartner,
Ângelo Guido e
Oscar Boeira

Auto-retrato
'pensando em Panne',
3 de janeiro de 1971
Água-forte em zinco
34,5x23,6cm



Auto-retrato
'Fá maior KV 616',
25 de janeiro de 1971
Água-forte em cobre

Auto-retrato
22 de novembro de 1970
Água-forte em zinco
29,4x23cm

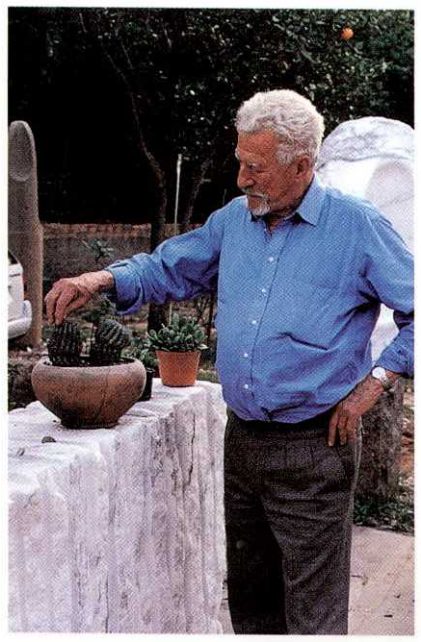
O novo gráfico de desempenho da Gerdau.

GERDAU
NOSSO PRODUTO É AÇO. NOSSO FORTE É VOCÊ.
www.gerdau.com.br

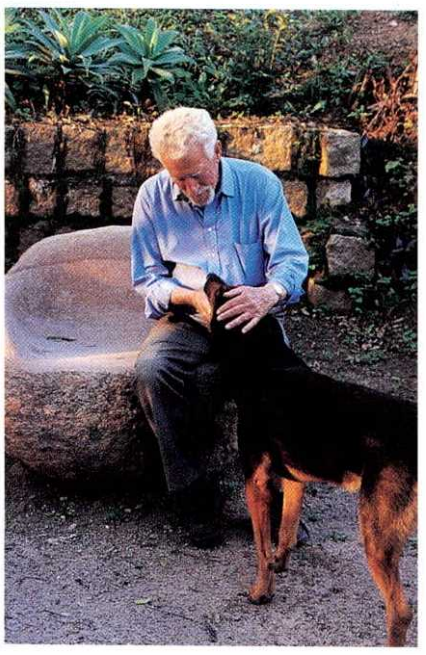
É com orgulho que a Gerdau ajudou o Instituto do Coração a realizar o primeiro implante interno de um coração artificial elétrico do Brasil.

Stockinger: a perenidade do a beleza agreste dos cactos e

Aos 80 anos, Xico Stockinger move-se pela mudança. Para ele, tudo precisa sempre mudar. Na rotina da criação, reserva suas manhãs, na casa do Cristal, para mexer no ferro e na madeira. Depois do almoço e do prazer de regar sua coleção de cactos, dirige até a Vila Nova, onde Porto Alegre ganha ares de interior. Ali, o ajudante Jair, responsável por boa parte da ordem e da limpeza visível do ateliê, e um sereno pastor alemão aguardam o consagrado escultor brasileiro para mais uma tarde de trabalho, de poeira do mármore e da pedra e, na hora do descanso, um lanche com pão e lingüiça, especialidade de uma padaria próxima. Atualmente, Xico esculpe cabeças de personalidades e, como bom narrador que é, guarda histórias e expressões particulares de figuras públicas. Do mestre Bruno Giorgi, herdou a liberdade do processo criativo: olhar e fazer.



Escultor de todos os materiais, descansa ao trabalhar na pedra, mas elege o bronze como o melhor meio de expressão. Com ele, levantou os gabirus, esses sujeitos pequenos da miséria e da desnutrição. Em 52 anos de escultura, criou uma galeria de personagens marginais. Artista tem mídia, é a sua estratégia para tocar nas mazelas dos homens. Ambientalista, conhece palmo a palmo o Uruguai e o Rio Grande do Sul a partir de Santa Maria. Nas suas viagens em busca do cactos ou da "cactosterapia", planta que descobriu após a depressão de uma hepatite, escreve diários e traz a camionete cheia de pedras. Pedras que podem virar arte no seu toque imprevisível de artista. *Cida Golin*



O artista Francisco Stockinger está fazendo 80 anos, e uma exposição tríplice o homenageia no MARGS, na Usina do Gasômetro e no Centro Municipal de Cultura. Tal mostra é bastante representativa do conjunto de sua obra, abrangendo dos anos 50 aos 90, e inclui Guerreiros, Sobreviventes, Cavaleiros, Amazonas, Centauros, Touros, Pedras, Nus, Flores, Gabirus e outras figuras, atestando a riqueza e variedade de sua obra, quer em materiais, temas ou formas. Acostumados com artistas que mitificam suas obras, surpreendemo-nos com o Xico, uma pessoa cativante que, ao falar, desmistifica o seu trabalho e a si mesmo como artista. Stockinger é, ao mesmo tempo, uma pessoa simples e o mais importante artista gaúcho vivo, é também um dos maiores escultores do Brasil, o contraste de sua importância e simplicidade faz sua presença e obra dignos de reverência.

Stockinger é brasileiro naturalizado, nascido na Áustria em 7 de agosto de 1919, filho de pai austríaco e mãe inglesa, desde 1921 residente no Brasil e desde 1954 em POA. Ao optar por viver aqui, o Xico abriu-se de tal forma à nossa cultura e realidade que sua obra tudo tem de nossas raízes. O RS, em sua história e formação cultural, foi marcado pela vastidão do espaço pampeano e pelos conflitos de fronteira e com o Governo Central. O imaginário do Xico reflete tal gaúcho, através da poética do guerreiro viril e livre, e através do cavalo e do touro.

O touro representa a fecundidade da terra, pois seu principal papel é o de reprodutor. O cavalo participou da história do RS e se fazia presente nas lides do campo. Ser cavaleiro é ter sob domínio o cavalo, os instintos, é ser alguém superior, possuidor de virtudes físicas, morais e espirituais. Assim são os guerreiros do Xico, não exprimem medo, violência ou ódio, mostram-se com as armas engalanadas, como num desfile comemorativo de vitória ou duelo medieval, exibem orgulho, honra, altivez e arrogância.

Na maior parte de sua produção, Xico utilizou o bronze, o ferro com madeira e a terracota. Mas o mármore, o basalto e o granito, levaram-no à abstração. Xico produziu pedras dos anos 60 aos 90; sucederam-se paisagens lunares, colunas, sanfonas e bancos, onde contrastam peso e leveza, vazio e cheio, polido e bruto, acabado e inacabado, em volumes que parecem pesar e dobrar-se sob seu próprio peso, e que lembram objetos de culto. Suas flores são esculturas em ferro, com discos e hastes formando margaridas que lembram o sol. Com elas Xico exalta a vida, mas o faz com uma matéria inorgânica, dura, fria e escura, que ele pinta com cores vivas. Já suas figuras femininas possuem, em geral, uma sensualidade própria de fêmeas, e carregam um ar de liberdade e companheirismo, mas nos anos 60 surgiram também mulheres disformes, com rugas e densidades.

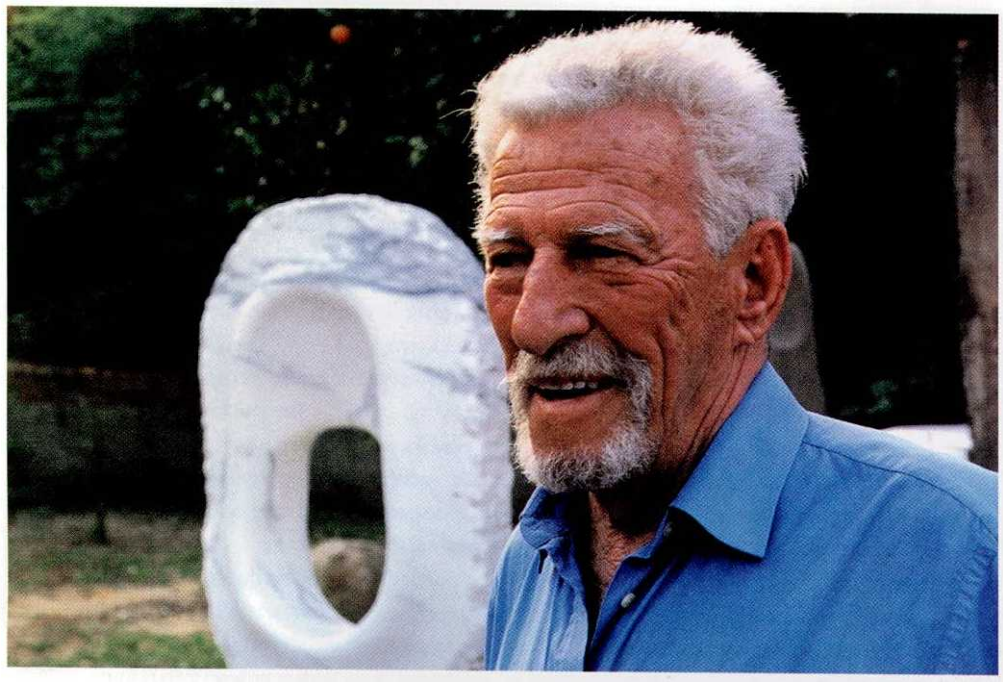
Na série *Sobreviventes,* dos anos 60 e 70, Xico utilizou ossos junto com ferro, madeira e outros materiais de sucata, compondo figuras deformadas, com membros descarnados e amputados, o grotesco como arte. Nos anos 90 surgiram *Os Gabirus*, ou seja, "famílias" de *nanicos* catadores de lixo, seres no limiar da condição humana e da sobrevivência. Tais figuras são de grande impacto dramático, não só através da imagem universal da mãe com o filho morto, mas também na representação do abraço que consola e nos sem rosto e identidade. Xico nos obriga a olhar para aqueles que costumamos desviar na rua. Sua denúncia, nua e crua, nos faz pensar: que responsabilidade temos nisto? O que nos cabe fazer?

Stockinger, aos 80 anos, afirma que *"o importante é fazer o que se gosta e ser feliz com isto"*, o mais é trabalho constante e olhar agudo que lhe permite destruir as peças que não estejam à altura de sua visão. Xico é um perfeccionista que produz arte com o mesmo afinco com que coleta cactos, em meio às inóspidas paisagens e caminhos de pedras. O Luiz Fernando Verissimo escreveu sobre a sua paixão pelos cactos: *"O Xico (...) tem um pouco de cacto, alguma coisa áspera e espinhenta..."*. Seu lado áspero é seu modo de ir direto ao ponto, sem rodeios, e sua obra reflete isto, tem, como ele, uma beleza rara, expressão da vida que desabrocha e floresce, mesmo em condições adversas.

Antônio Henriques
Escritor, professor e técnico em cultura do MARGS

MARGS
MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ARO MALAGOLI

bronze, a grandeza simples das pedras



Fotos do artista :Walter Fagundes

depoimentos de Xico

Gravura

Não podendo fazer escultura por falta de meios, principalmente financeiros – trabalhava o dia inteiro no Acessórios São João – não sobrava tempo para fazer escultura. A escultura é uma arte diurna. O que se faz bem, em arte é claro, durante a noite é gravura; razão por que, tendo visto uma porção de tacos de madeira nos fundos do quintal do vizinho, resolvi apelar para a xilogravura. Fui amigo do pai da xilogravura brasileira – Oswaldo Goeldi. Marcelo Grassman, outro grande gravador, morou muito tempo comigo no Rio e fazia suas gravuras no quarto de empregada do meu apartamento. Logo, não havia mistério, pois a xilo é a mais simples e econômica das artes, era apenas uma questão de meter os peitos. Meti. Em três anos, fiz cento e tantas gravuras.

Agressividade

Não é o nome da coisa, é a maneira como você faz a coisa. Se você ligar os meus touros com cavalos, com guerreiros, tudo se liga. Se há uma agressividade, se há um ataque, é na maneira de fazer e o material que se usa, não pelo simples fato de ser um guerreiro, no fundo, no fundo, é isso. Os meus bois têm intenção agressiva, de combate, de luta.

Universal

A arte é uma coisa universal, não existe mais individual, vida isolada. Não é que você sofra influência, mas não dá pra fazer uma arte regional. Numa época em que a arte é universal, só passa a ter valor se ela tem características individuais, se tem coisas tuas, tem um mundo teu qualquer. Aí é que ela vale. Quando a arte é um todo universal, vale o individual. Se você não tem autenticidade própria – sobre aquela conversa do Sartre – só vale se tiver mesmo a função de qualidade, coisas individuais, não de um país. Antigamente você falava: - isso é arte brasileira, arte holandesa, essas coisas.... Não existe mais isso não.

Obra de arte

Se você não é um desses sujeitos dotados ou super dotados, que conseguem fazer uma obra de arte verdadeira, que é a que vale, você não vira um criminoso. No julgamento da obra de arte, ela só vale se presta. (...) Agora, o outro lado, o do cara que faz, também conta, ele não atingiu a coisa, não se comunicou, não entrou, mas ele se esforçou. Há muita teoria de arte, muito crítico que fica entrando... Se a gente não faz é porque fica constrangido de fazer escultura. Tem que fazer! Se não presta, azar. Mas os críticos ficam em cima, e quando atacam, atacam mesmo, às vezes violentamente. O Sartre é violento, mas de uma outra maneira, não igual a de um crítico. Se você faz mal você não vira um criminoso, não é um charlatão, simplesmente não é um bom escultor, acabou. Há limitações que você tem que aceitar.

Mercado

Nunca nenhuma galeria me pediu para fazer determinado tipo de arte. Você faz o que quer; agora, se depois você é aceito, é aceito por qualidades que você tem; se recusam, é porque tem defeitos. Mas tem que ter sempre a autenticidade individual. Pode às vezes entrar um pouco no "ismo", mas tem que ter características próprias.

Influências

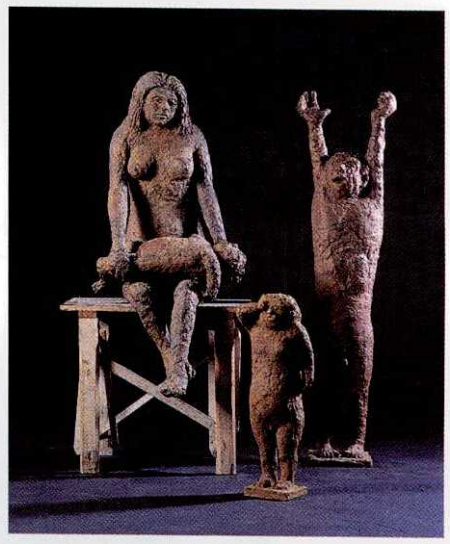
Sobre a influência do Expressionismo, acho inclusive que é parte do sangue, de o Expressionismo ser um negócio europeu, alemão austríaco... me pega. Me pega muito o negócio da escultura inglesa, eu fui feito na Inglaterra, minha mãe foi grávida para a Áustria, eu nasci e vim para cá. (...) Se você pensar em Existencialismo, em Expressionismo, na hora de fazer o trabalho, você não faz. Você vai trabalhando e sai da maneira de você ser, se ela for honesta; aí os outros é que têm que decidir, não é a gente.

Fragmentos de uma entrevista
concedida pelo artista,
em agosto de 1987,
a sua aluna Daliana Amaral Mirapalhete,
no ateliê do Cristal

Série Gabirus, 1996
Bronze. Várias alturas entre
157x45x25cm e 76x42x19cm

Sem título, 1999
Mármore de carrara
50x46x30cm
Coleção do artista

Sem título, c. 1970
Ferro e madeira
100x57cm



Fotos obras: Gonzalo Mezza

DOAÇÃO

A doação de oito peças da série Gabirus de Xico Stockinger ao acervo do MARGS faz parte de uma iniciativa que teve início em 1995. Na época, os empresários Jorge Gerdau Johannpeter e Justo Werlang viabilizaram a execução de 26 esculturas da série Gabirus em tamanho natural (cerca de 130 centímetros) concebidas em gesso entre 1995 e 1996 e fundidas em bronze em 1996. Desse total, 12 foram doadas: uma para o projeto Comunidade Solidária, três para o acervo da Pinacoteca Municipal Aldo Locatelli e oito para o acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul.
Sem o uso de mecanismos de renúncia fiscal, a doação faz parte de um projeto maior destes empresários. Segundo Justo Werlang, trata-se de uma postura de comprometimento com a comunidade, de colaborar na construção de uma cultura mais viva e sólida na região, legando para gerações futuras bens artísticos de valor cultural significativo.
As obras doadas ao Margs não têm título individual e são as seguintes: Menino sentado com mãos para cima, 63 x 34 x 33 cm, escultura em bronze patinada em preto; Mulher sentada com nenê morto no colo, 137 x 61 x 55 cm, escultura em bronze patinada em marrom; Homem gritando com braços levantados, 157 x 45 x 25cm, escultura em bronze patinada em marrom; Criança esfregando o olho, 76 x 34 x 33 cm, escultura em bronze patinada em marrom; Menina vestida com braços sobre os olhos, 91 x 26 x 20cm, escultura em bronze patinada em branco; Mulher sentada sobre o solo, com pernas dobradas e mão levantada, 95 x 43 x 45 cm, escultura em bronze patinada em verde; Mulher sentada sobre o solo com pernas estiradas para a frente, 88 x 45 x 26 cm, escultura em bronze patinada em verde; Criança engatinhando, 37 x 26 x 48cm, escultura em bronze patinada em verde.

Xico Stockinger 80 anos
Usina do Gasômetro
Grandes Bronzes, Nus Femininos e Gabirus – Até 29 de agosto
Centro Municipal de Cultura
Pedras – Até 5 de setembro
MARGS – Pinacotecas
Esculturas em ferro e madeira, sucata e outros materiais, séries Sobreviventes, Guerreiros, Cavaleiros, Amazonas, Touros, Pequenos Bronzes (peças únicas em cera perdida); Salas Negras – Flores (diversos tamanhos em ferro pintado); Sala Berta Locatelli – Terracotas e peças fundidas em bronze a partir de terracota.
Até 19 de setembro
Museu Brasileiro da Escultura MuBE (São Paulo)
Grandes bronzes e pedras
14 de outubro a 15 de novembro

Retratos de Xico
Os retratos de Xico Stockinger, feitos por Iberê Camargo, Aldo Locatelli e Maria Leontina, estão em exposição no Café do MARGS

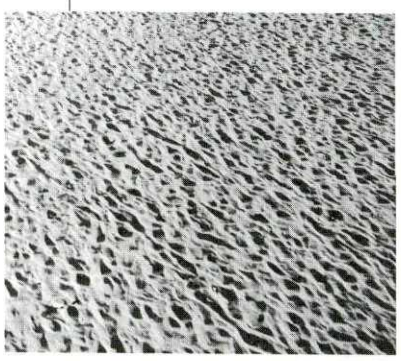
MARGS
MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI

LINGUAGEM

A sutil sabedoria do desenho

O que me agrada principalmente na tão complexa natureza do desenho é o seu caráter infinitamente sutil, de ser ao mesmo tempo uma transitoriedade e uma sabedoria.

Mário de Andrade
Aspectos das artes plásticas no Brasil



A fumaça dos aviões no espaço sideral, os rabiscos nas calçadas, os *graffitis* nos muros, nas paredes, os sulcos nas areias, nos vegetais, na pele dos homens. As tatuagens, o retrato falado da polícia, os grafismos dos banheiros, enfim...

Tudo isso e muito mais é a subversão do desenho. Acadêmico. São os desdobramentos da linguagem, a ruptura dos limites materiais e espaciais. A sua presença no cotidiano da vida contemporânea. A sua libertação.

A sua atualidade.

Entendido o domínio do desenho para além do papel, da parede convencional – estados sólidos de matéria – inclui-se os líquidos e os gasosos. Outras dimensões. Aceita a sua produção para além do carvão, grafite, nanquim, testa-se o fogo, o néon, o laser, a computação, o cyberespaço. E ele passa também a integrar o cenário das cidades. Os ambientes públicos abertos e fechados. Ele estabelece novas formas de relacionamento e participação. É móvel, extremamente móvel, atingindo uma visibilidade capaz de construir novos olhares.

Novas sabedorias do olhar.

Mas para que essa nova sabedoria do olhar recolha destas manifestações o seu caráter desdobrado é preciso um resgate.

Da linguagem enquanto tal, nas suas manifestações mais corriqueiras e "clássicas". Exigentes. Do virtuosismo da mão, antes fundamental. Dos traçados característicos, das texturas, da ocupação dos espaços. Das possibilidades ilimitadas de se expandir além suporte. Da sua competência em construir imagens por somas, sobreposições, eliminações, transformações, seleções. De captar a intimidade estrutural dos fatos e sensações desenhados. De expor desígnios, significações.

E desígnios e significações são o que não faltam aos desenhos de Pasquetti, Francisco Cunha, Fuhro, Iran Moreira, Darel, Röhnelt, Mauro Claro, Paulo Houayek, Regina Ohlweiler e Victor Arruda, todos do acervo do MARGS, exibidos numa mostra que ocupou as Salas Negras até o início de agosto.

Surpreendente reunião de exemplares que possibilitam revalorizar a modalidade, sua força expressiva e suas possibilidades estético-plásticas.

Diante da qualidade destes desenhos, difícil aceitar o desaparecimento de sua produção, a escassez de artistas dedicados a elaborar no papel imagens que o pensamento cria mas não define. Deseja mas não explicita.

Diante desses fatos desenhados se sobressai o domínio, não da técnica – evidente; de uma morfologia e sintaxe bem articuladas, gênese da densa dialética simbólica apresentada.

A mostra além de supreendente se movimenta entre a espontaneidade de um traço expressionista, outros realista, impressionista. Entre massas de cores rigorosamente planejadas e manchas displicentemente executadas. Entre a formalidade mais intelectual e a informalidade emocional.

É certamente uma seleção feita pela sensibilidade de quem fez jus à tarefa.

Esta pequena mostra teve a virtude de conferir atualidade a estas produções (datadas dos anos70 e 80). E mais importante, de recontextualizar o desenho e afirmá-lo como uma das mais permanentes expressões da arte.

Ao admirar o conjunto em questão uma vontade reaparece com prioridade no rol das minhas preferências.

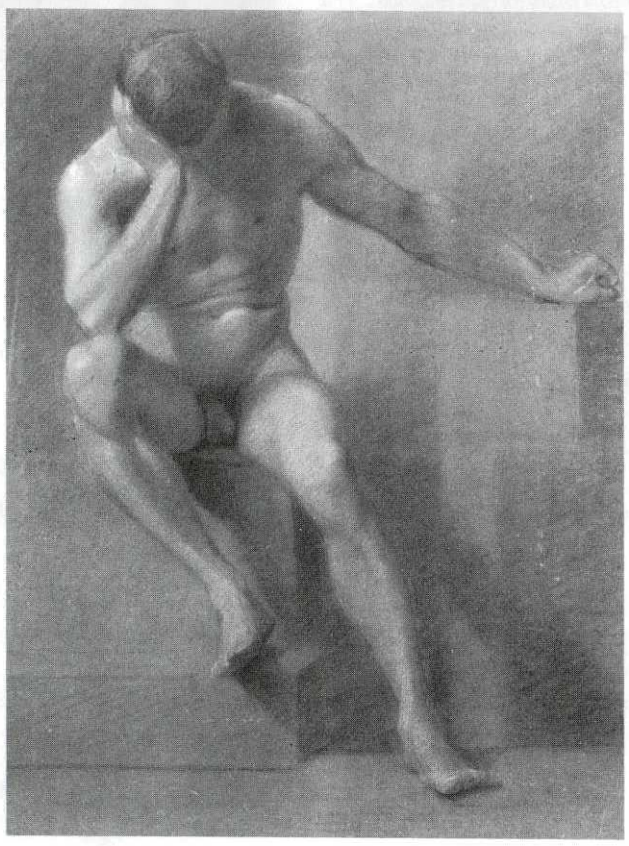
De volta ao atelier resgato o esquecido prazer de enfrentar a folha branca na busca impossível das respostas.

A partir daí, todos os dias traços, texturas, manchas exercitam a manualidade através de pensamentos e emoções.

Na pausa tecnológica redescubro o mundo do desenho; imprescindível e inesgotável aos processos mentais e emocionais.

No trânsito das linguagens reafirmo a convicção de ser aí o lugar que, vez por outra, se encontra a verdadeira sabedoria tanto para a arte quanto para a vida.

Liana Timm
Artista plástica, arquiteta e membro do Conselho Consultivo do MARGS



1. Estudos para desenho. Bartolomeo Passarotti (1529-1592)
2. Arte em muro parisiense

Vestir-se bem sem pagar caro também é uma arte.

Pompéia
Aqui tudo vira alegria.

MUSEUS

MASP - Museu de Arte de São Paulo. Exposição *Degas e o movimento*, com curadoria do professor Luiz Marques, reunindo 73 bronzes, uma pintura, um desenho e um pastel do artista, além de esculturas de Rodin, relevo de Daumier e pinturas de Matisse, Tolouse-Lautrec, Gauguin, Renoir e outros, na Galeria Clemente de Faria do museu. O MASP é uma das três instituições no mundo que possuem a obra escultórica completa de bronzes de Degas. Uma coleção desse porte só pode ser vista no museu D'Orsay em Paris e no Metropolitan em Nova Iorque. Até 5 de setembro. De terça a domingo, das 11 às 18 horas, na avenida Paulista, 1578, em São Paulo. Telefone: 251-5644. Internet: www2.uol.com.br/masp/ e www.degas.art.br

MAM - RJ - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Mostra *Picasso: os anos de guerra, 1937-1945*, com curadoria de Dominique Dupuis-Lobbé, reunindo trabalhos das décadas de 30 e 40. São 17 pinturas, três esculturas, 63 gravuras e duas matrizes, além de 39 desenhos, todos do Musée Picasso. Até 7 de setembro. O MAM fica na avenida Infante D. Henrique, 85, no aterro. Telefone: 21 02 188
Internet: www.mamrio.com.br

MNBA - RJ - Museu Nacional de Belas Artes. Entre as várias exposições em cartaz, destaque para os 90 anos do Teatro Municipal com pinturas, desenhos e esculturas de artistas como Bernardelli, Amoedo e Visconti (até 5 de outubro) e para a coleção de marinhas do pintor pré-impressionista Louis Eugène Boudin, mestre de Claude Monet, um dos pontos altos do acervo do museu. De terça a sexta, das 10 às 18 horas e, no sábado e domingo, das 14 às 18 horas. O MNBA fica na avenida Rio Branco, 199, Cinelândia. Telefone: 240-0068.

MAP - MG - Museu de Arte da Pampulha. Exposição *José Pedrosa, a pampulha revisitada*, com curadoria de José Alberto Nemer, reunindo 100 desenhos, 23 esculturas, além de pequenos objetos pessoais, fotobiografias e cadernos de estudos do artista.Até 29 de agosto. De terça a domingo, das 9 às 19 horas. O MAP fica na avenida Otacílio Negrão de Lima, 16585, em Belo Horizonte. Telefone: 227-7946

MAC – RS – IEAVI – Museu de Arte Contemporânea – Instituto Estadual de Artes Visuais. Acervo itinerante do MAC na Sala Sotero Cosme (até 5 de setembro). Revisão dez anos Projeto João Fahrion na Sala Sotero Cosme (14 de setembro a 10 de outubro); Prévia selecionados IEAVI na Sala Xico Stockinger (14 de setembro a 10 de outubro); Rosalice Silva (Projeto João Fahrion) na Sala Augusto Meyer (30 de setembro a 24 de outubro). O MAC e IEAVI ficam na Casa de Cultura Mario Quintana, na Andradas, 736, em Porto Alegre. Telefone: 221-7149

LEOPOLDO GOTUZZO - RS. Além da mostra de longa duração da obra e objetos do artista Leopoldo Gotuzzo, o museu apresenta até 27 de agosto os trabalhos de Tânia Tokairin e de Evermondo Guimarães. O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo fica na rua Félix da Cunha, 818, em Pelotas. De segunda a sexta, das 8 às 11h30min e das 14 às 17h30min; às quartas, até às 20h30min. Telefone: 25-9144

MARGS

LOJA – Para acompanhar sua exposição, Xico Stockinger cedeu dois desenhos para camisetas exclusivas à venda na loja do museu. No local, é possível adquirir catálogos e livro do artista, livros de arte e objetos com a *griffe* MARGS, além de várias outras atrações. Destaque para livros importantes sobre arte no Rio Grande do Sul. Funciona no horário do museu. Telefone: 228-8533.

Foto: Vitor Soares

BISTRÔ – O bistrô do MARGS é uma excelente alternativa para o final da tarde, para o almoço ou jantar, com ambiente interno aconchegante ou a opção de usufruir, com total segurança, de mesinhas na Praça da Alfândega. No cardápio internacional, o filé ao *funghi* com risoto de *funghi* e o *Magret de Canard* fazem sucesso entre os clientes. Destaque ainda para a sopa fria de manga. Abre de segunda a sábado, a partir das 10 horas e, no domingo, a partir das 15 horas, funcionando diariamente até às 21 horas, aproximadamente. Telefone: 286-5687

CAFÉ – Diversas opções em café e lanches. As tortas salgadas, de legumes e de palmito, são

Foto: Studio F. Zago

especialidades da casa, além de lasanhas, massas e sopas para almoços rápidos . O café organiza encontros lingüísticos diariamente a partir das 17h30min. São conversações em italiano, francês, inglês, alemão e espanhol. Interessados podem cadastrar-se no local. Funciona no horário do museu. Telefone: 221-4945.

AAMARGS – A AAMARGS prossegue na sua campanha de sócios em várias categorias: individual, familiar, estudante, maior de 65, residente fora do Estado. Os associados têm descontos em diversas atividades culturais, no café, loja e bistrô do museu, além de hotéis e garagens próximas. A Associação também agradece a doação, pela Caixa Econômica Federal, de catálogos do projeto Caixa Resgatando a Memória, cuja renda será revertida para as atividades da casa. A AAMARGS atende de segundas a quintas, à tarde. Telefone: 224-4255.

CURSOS

Até Novembro

História em Quadrinhos
Grupo Legião, aos sábados pela manhã e tarde. Módulos infantil, básico e avançado.

Desenho da Figura Humana
Plínio Bernhardt, nas quartas-feiras à tarde. Com a utilização de modelo vivo.

Desenho Básico
Anete Abarno, nas quintas-feiras, à tarde.

Paisagens da Cidade
Ana Isabel Lovatto, nas terças-feiras à tarde.

Pintura a Óleo
Ênio Lippmann, nas terças-feiras à tarde. Técnica de ateliê e de campo.

Linguagem da Pintura
Regina Ohlweiler, nas sextas-feiras à tarde. Linguagem contemporânea.

Aquarela
Nathaniel Guimarães, nas quintas-feiras à tarde.
Introdução à aquarela figurativa.

Aquarela Contemporânea
Graça Tirelli, nas quartas-feiras à tarde.
Aquarela abstrata, utilizando signos modernos e novos tipos de pigmentos.

Gravura em Relevo
José Carlos Moura, nas terças-feiras à tarde. Pré-requisito: conhecimento em desenho.

Gravura em Metal
Édison Flávio Pereira, nas sextas-feiras à tarde. Calcogravura.
Pré-requisito: desenho.

História da Arte Ocidental
Marília Ribeiro, aos sábados pela manhã.

Pastel Seco
Eduardo Cruz, nas terças-feiras pela manhã.

Colagens
Lia Juliana Kieling, nas quartas-feiras pela manhã.

Oficina de Papel Machê
Miriam Scheidemandel, nas sextas-feiras pela manhã.

Arte-educação
Renata Requião, aos sábados pela manhã. Experiência pioneira, baseada em museus americanos, em que pais e filhos desenvolvem juntos a experiência artística a partir de poesias.

Imagens do Inconsciente
Mairy Sarmanho, nas quartas-feiras à tarde. Curso de desenho baseado em lembranças da infância, busca da identidade e jogos de associação.

Arte Contemporânea: Experimentar para Conhecer
Duda Gonçalves, nas sextas-feiras, à tarde

Cursos de Menor Duração

História da Arte no Rio Grande do Sul –Marilena Pieta, nas terças-feiras à tarde. Duração média de dois meses.

A Mitologia Greco-Romana retratada na Pintura e Escultura
Geórgia Welp, nas quintas-feiras à tarde. São quinze encontros com 2h de duração.

Maiores informações e inscrições no Núcleo de Extensão do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, ou pelo fone 227-2311 ramal 15.

Parceiros do MARGS

- Banrisul
- Bushbuck
- Di Luce
- Edelweiss
- Gerdau
- Happy Man
- Kreybel
- J. Martins e Cia.
- Lojas Pompéia
- Lojas Renner
- Ouro e Prata Turismo
- RV
- Start Pre-Press
- Trindade Indústria Gráfica
- Varig

M|A|RGS
MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI

ALDO OBINO

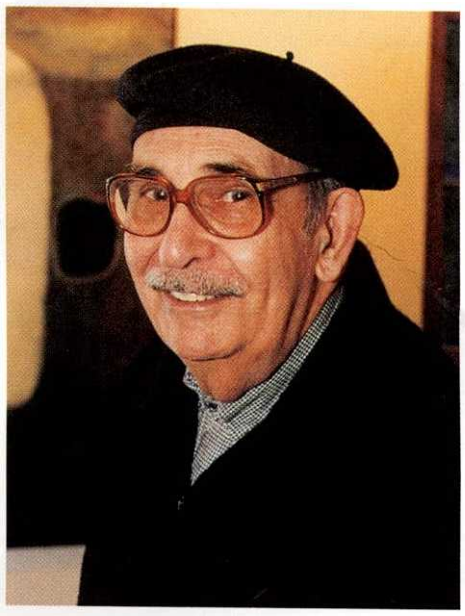
Elogio à assiduidade

A assiduidade não é, certamente, uma das virtudes listadas entre as que ajudam a garantir a eternidade em um lugar confortável no Céu ou mesmo no Purgatório. Mesmo na vida terrena ela é uma virtude, se posso chamá-la assim, muito pouco valorizada e, até mesmo, desdenhada, quando não desprezada. Mas para algumas atividades ela é, mesmo nesta vida transitória, essencial e, ainda, razão de ser.

Há pouco mais de um mês, fui convidado a participar de uma enquete sobre as personalidades mais importantes dos últimos cem anos nas artes plásticas no Rio Grande do Sul. Foi-me solicitada uma lista com cinco nomes e este tipo de lista sempre é injusta e parcial. Mas não é sobre a lista em si que quero escrever, mas sobre um dos nomes que indiquei.

Quem conhece um pouco da história das artes entre nós sabe que Aldo Obino é uma figura assídua em exposições e mostras de arte. Há pouco tempo, no reinício das atividades do Museu de Arte Contemporânea, tive o prazer de vê-lo visitando a mostra e, quem for atento o verá sempre visitando cada uma das mostras que os nossos museus apresentam, com uma assiduidade que julgo mais fruto de uma enorme satisfação em ver o que se faz em arte do que uma atividade meramente profissional, já que agora ele não mais escreve na imprensa.

Fotos: Walter Fagundes

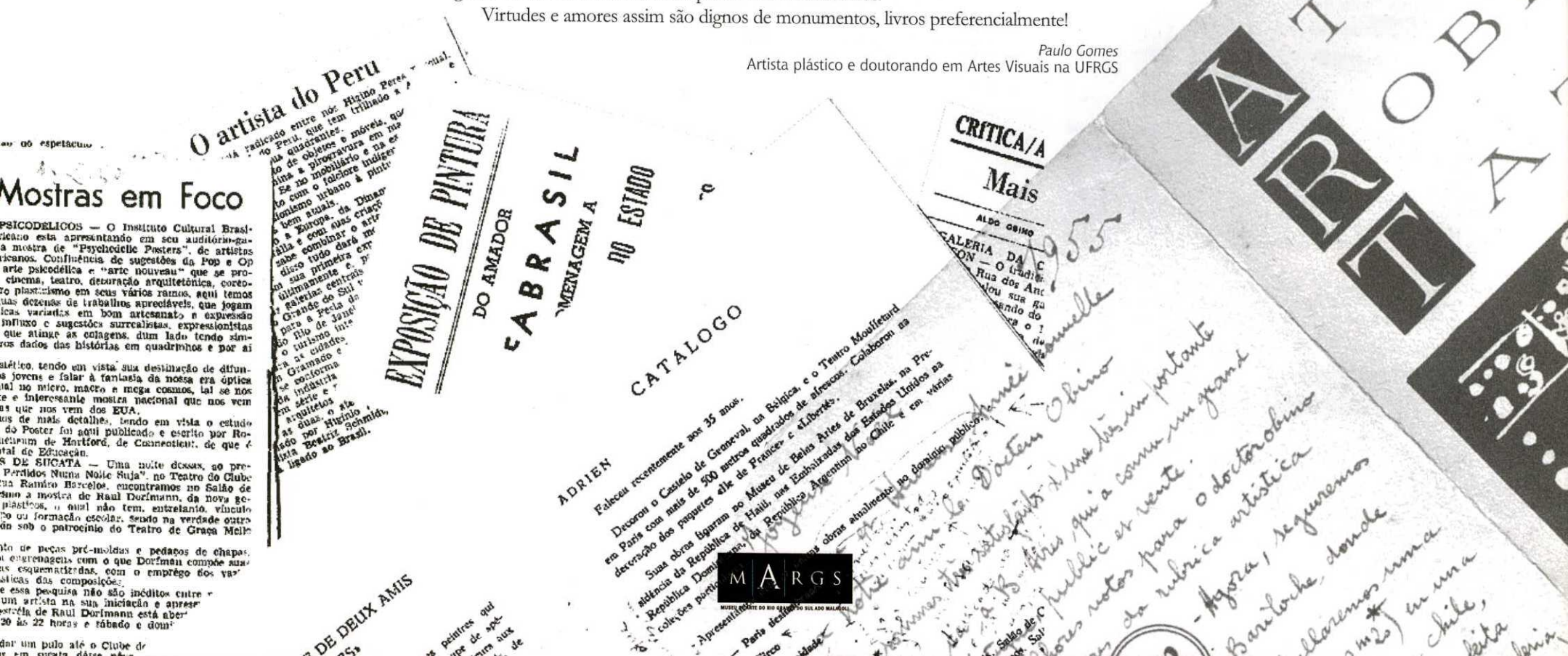


Mas esta presença não é tudo. Aldo Obino escreveu durante mais de 50 anos na imprensa gaúcha sobre as diversas manifestações artísticas. Parte da documentação desta atividade assídua foi doada ao MARGS e, como a persistência e a paciência também são virtudes, ela espera estudiosos dispostos a refazer esta fase importante da nossa história, contada no calor da hora de modo apaixonado e, portanto, opiniático e crítico.

Tive a oportunidade de trabalhar com um dos textos de Aldo Obino. O texto escrito sobre a *Via Crucis* de Aldo Locatelli é um primor de análise, de percepção e de capacidade crítica. Dos inúmeros textos sobre a obra de Locatelli a que tive acesso durante a confecção do livro *O Mago das Cores*, este foi o único texto não laudatório sobre a obra do italiano, o único que avança numa efetiva crítica da obra do artista, apontando suas fraquezas e sua fortaleza.

Comecei fazendo o elogio à assiduidade e passo agora o mérito da virtude a Aldo Obino. Não pela assiduidade em si mesma, pois muitos são freqüentadores de mostras de arte (basta estar nos vernissages), mas por esta ser uma virtude que legitima sua atividade como jornalista, pois ele pode acompanhar surgimentos, plenos desenvolvimentos, auges e até declínios de carreiras. Porque registrou essa assiduidade em inúmeros textos escritos para este veículo, efêmero por natureza, que é o jornal, sem se preocupar em garantir uma permanência. Textos que tiveram o mérito de acontecer junto com a emoção que os levou a existir, mas uma emoção pautada na longa e contínua convivência, como um grande amor que se constrói lenta e assiduamente. Certamente é esta assiduidade que garantirá uma permanência a Aldo Obino na história de nossas artes visuais. Não por si só, mas por ter agregado a ela uma apaixonada e contínua atividade de registro, por ter feito de um gosto um ato de melhoramento para a vida de todos nós.

Virtudes e amores assim são dignos de monumentos, livros preferencialmente!

Paulo Gomes
Artista plástico e doutorando em Artes Visuais na UFRGS

Catálogos e textos
de Aldo Obino disponíveis no
Núcleo de Documentação e
Pesquisa do MARGS